

COMENTÁRIO BÍBLICO

1º Domingo depois da Páscoa – Ano C

24abril2022

Atos 5, 27-32; Salmo 2; Apocalipse 1, 9-19

S. João 20, 19-31

¹⁹Na tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana, os discípulos encontravam-se juntos e tinham as portas fechadas com medo das autoridades judaicas. Jesus entrou, pôs-se no meio deles e disse-lhes: «A paz esteja convosco!» ²⁰Depois mostrou-lhes as mãos e o peito. Eles alegraram-se muito por verem o Senhor. ²¹Jesus disse-lhes outra vez: «A paz esteja convosco! Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio.» ²²Em seguida, soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebam o Espírito Santo. ²³Àqueles a quem perdoarem os pecados, são perdoados; e àqueles a quem não os perdoarem, não lhes são perdoados.»

²⁴Ora Tomé, um dos Doze, a quem chamavam Gémeo, não estava com eles quando Jesus lhes apareceu. ²⁵Os outros discípulos contaram-lhe: «Vimos o Senhor!» Mas Tomé respondeu-lhes: «Se eu não vir a ferida dos pregos nas suas mãos e não meter o meu dedo no lugar dos pregos e a minha mão na ferida do peito, não acredito.»

²⁶Uma semana mais tarde, os discípulos estavam de novo reunidos em casa, e Tomé encontrava-se com eles. Apesar de as portas estarem fechadas, Jesus entrou, pôs-se no meio deles e exclamou: «A paz esteja convosco!» ²⁷A seguir disse a Tomé: «Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos, estende a tua mão e mete-a no meu peito. Não sejas descrente! Acredita!» ²⁸E Tomé respondeu: «Meu Senhor e meu Deus!» ²⁹Jesus disse-lhe: «Crês agora porque me viste? Felizes os que creram sem terem visto.»

³⁰Jesus fez ainda diante dos seus discípulos muitos outros sinais que não vêm neste livro. ³¹Estes foram aqui contados para que creiam que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida no seu nome.

1. Os discípulos não viram a Ressurreição, pois, o túmulo estava vazio e, para acreditarem em Jesus ressuscitado, precisaram de vê-Lo, ouvi-Lo e tocar-Lhe. Um “corpo” que aparecia e desaparecia, que passava por portas fechadas (a significação simbólica do “corpo imaterial” de Jesus ressuscitado). O tempo e o modo necessários para perceber que o Senhor era e já não era o mesmo. Ou seja, a Ressurreição de Jesus fez-se “viva” para os discípulos através de expressões materiais. Como antes, o Senhor tinha deixado a Sua memória através da última ceia: “o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e tendo dado graças, partiu-o e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim” (I Coríntios 11, 23-25). Ainda, ao resumir o Seu ensino, Jesus clarifica: “Quem me vê a mim vê aquele que me enviou” (S. João 12, 45). Na verdade, Deus sabe que precisamos da materialidade das coisas, do que vemos, pensamos, apalpamos e manipulamos, para alcançarmos o imaterial. Podemos dizer, como Nicolau de Cusa (1401-1464): “Não vejo a Luz, só vejo as coisas iluminadas”. Então, porque caímos na tentação de idealizar a Ressurreição, quando o corpo ressurreto do Senhor se manifestou no concreto do

encontro com os discípulos e na paz que lhes trouxe, isto é, na satisfação da maior das suas necessidades naquele momento?

2. As dúvidas de S. Tomé são também as dos dois discípulos a caminho de Emaús. Só acreditaram na Ressurreição de Jesus depois de O “verem”. O primeiro rendeu-se com uma das saudações mais significativas do Evangelho: “*Senhor meu e Deus meu!*”; os segundos, “*quando estavam à mesa, (e Jesus) tomando o pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu*” (S. Lucas 24, 30-31). Tanto num como no outro caso os atos e sua materialidade transformaram-se na percepção do divino.

Também nós temos dúvidas. Mas tal, em vez de nos separar da fé, deve ser entendido como uma circunstância natural do seu caminho. Bem-haja a fé que se interroga e procura, a fé que se mistura com o intrincado da vida quotidiana, que parece desaparecer nas curvas da estrada e se reencontra mais adiante em caminho aberto. Não há-de ser a dificuldade da ‘prova’ que nos vai fazer deixar de acreditar, pois, sem isso não podemos crescer como pessoas. Que beleza a da expressão (oração?) daquele pai do jovem endemoninhado (como se dizia na altura), humilde, pedindo a cura de seu filho: “*Eu creio! Ajuda a minha incredulidade!*” (S. Marcos 9, 24). E Jesus cura o doente. Isto é, Jesus acredita no sofrimento daquele pai antes de este acreditar em Si. É assim a compreensão e a misericórdia de Deus para conosco, mesmo quando não acreditamos.

3. No Evangelho de S. João dois foram os momentos em que Jesus entregou o espírito: na cruz, ao morrer (“*disse: «Está consumado!» E, inclinando a cabeça, entregou o espírito*” – S. João 19, 30); e, ressuscitado, ao aparecer aos discípulos escondidos dos judeus (“*... soprou sobre eles e disse-lhes: «Recebei o Espírito Santo»*” – S. João 20, 22). Ou seja, Jesus deu o “seu espírito” ao fracassar no sofrimento e ao triunfar do sofrimento.ⁱ Significa, então, que viver o “espírito de Jesus” é o modo de estar em que pela fé aprendemos a sofrer e fracassar, aceitando, confiando, esperando “*contra toda a esperança*” (Romanos 4, 18), e também, a saber sair com dignidade e humanidade de qualquer sofrimento ou fracasso. Como muito bem explica Jorge Teixeira da Cunha (Teólogo e Cónego Católico Romano), “Jesus venceu o mal porque manteve humanamente a comunhão, criadora e salvadora, com Deus, superando a angústia, a desconfiança, o orgulho humano. Essa experiência, que é a ressurreição, é a definição da vida humana conseguida que está ao nosso dispor no ato de fé e nas formas de vida honesta que muitos seres humanos cultivam para lá da pertença à comunidade cristã visível” (Voz Portuguesa, 06abril2022).

Somos, assim, interpelados a exercitar o “espírito de Jesus” no nosso quotidiano, à luz da ressurreição, para que “*Crendo, tenhamos vida no seu nome*”.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana

ⁱ José M^a Castillo, “*La Religión de Jesús*, Ciclo C (2015-2016), pág. 209